

Declaração de amor ao ofício de educar

MELLO CANÇADO

Foi um sábado perfeito.

Na gloriosa “Casa de Afonso Pena” iluminou-se a noite para a homenagem a Aberto Deodato Maia Barreto — um “vir bonus, dicendi peritus”, que pela geografia nasceu em Maroim, mas pelo coração é todo inteiro de Belo Horizonte.

Mestre Alberto Deodato aposenta-se no magistério. Por isso as palmas de gratidão que todos lhe batemos na sua festa de despedida.

Mas quem falou em despedida? Nem o professor que é mestre deixa a Escola nem a Escola que é uma vida o deixa. Ele bem o disse: a sua união com ela durará até que a morte os separe.

Mas, como íamos dizendo foram admiráveis o sábado e a festa graças ao diretor Lourival Vilela Viana que com seu “esprit de finesse”, soube imaginar tudo, e a tudo soube dar coroamento. Efetivamente, não poderiam ter sido mais harmoniosamente adequados o gesto e a palavra de sua atuação na homenagem ao nosso Professor que se fêz amigo, durante 40 anos, de tantos milhares de universitários.

Por outro lado, poucas vêzes temos tido também o alegre contentamento de ouvir um discurso laudatório como aquêle que para Mestre Deodato, escreveu com ternura o Professor José Olympio de Castro Filho. Fundo, forma, emoção, bom-humor, sentido de equilíbrio, gôsto do pormenor, erudição sem afetação, cultura sem exibicionismo. E tudo se conjugou para fazer da peça oratória um elemento do mais subido valor no processo de julgamento do mérito de Alberto Deodato.

Ainda houve a palavra do universitário Augusto Vieira, em puro estilo "bossa nova", como é moda dizer agora. O certo é que, com termos de vanguarda ou não, o discurso do aluno foi um triunfo a mais no campeonato de louvores a que se está submetendo o aposentado professor de Direito Internacional Público, e de Ciências das Finanças, e ex-diretor da Faculdade.

Ao final, a palavra de Deodato: se mal dominou a emoção, dominou contudo inteiramente o seu auditório.

Foi, porém, a sua declaração final de amor imorredouro ao magistério o que calou mais fundo na consciência de todos nós.

— "O professor é um semeador!" — A sua declaração teve o tom do encantamento, mas também do aviso, da advertência. — "Nós semeamos ao longo dos anos. É uma tarefa difícil. Mas, que divina compensação reencontrarmo-nos aqui, ali, além, diàriamente, com as flôres de nossa semente, com os frutos de nosso labor..."

Ao cabo de tudo, daquêle sábado e daquela festa de corações para um coração, restou-nos a serena convicção de que, de fato, a cátedra, o magistério, a escola têm um fascínio a que ninguém pode fugir. Por isso, repetiremos a cada manhã e a cada noite de nossas obrigações letivas, como o Professor George Palmer:

— "A Universidade de Harvard me paga para eu fazer aquilo que de boa mente eu lhe pagaria só por me consentir que o faça".